

no XCVI aniversário do nascimento

1842—18 de Abril—1938

por RUY GALVÃO

A vida espiritual de Antero é tóda de acção. O Verbo fecundou-a.

Na companhia do amor foi a vida do altíssimo Poeta beleza moral, espelho de virtude e de bondade.

Antero subiu aos mais altos céus, onde o sol da Idéa o iluminou, banhando-lhe a face socrática de apóstolo e de profeta.

Também quis descer ao fundo dos oceanos, ao interior da terra, conhecer o mundo do material, mas ah! lá só encontrou o tédio e a dor, a ironia e a desilusão, a dúvida e a descrença.

Vida clara, recta, subjectiva.

Teve curvas, sombras? O sol tem manchas, dizem os homens de ciência,—e contudo o seu brilho é sempre intenso, é sempre irradiante! Usamos agora uma velha imagem, porque outra melhor não nos ocorreu à memória, porque outra melhor não há de certo que possa definir com rigor a vida de Antero, a sua humaníssima Vida—vida que lembra a música de Wagner, o constructor genial dos contrastes harmónicos e sintéticos, e recorda também as sinfonias maravilhosas de Beethoven...

E' que Antero fez das suas dôres e desilusões, das suas dúvidas e pesadelos, das suas breves esperanças e fugidios momentos de bem-estar relativo, uma amálgama singularíssima, um poema de wagneriano efeito e de sentido beethoveano: os seus rutilantes versos, os seus imortais *Sonetos!*

Nasceu poeta, mas um poeta destinado a cumprir uma alta missão humanitária e idealista, a ser vidente e a ser o anunciador de uma nova Era e de um Mundo novo.

A êle se pode aplicar perfeitamente a seguinte estrofe do autor de *Légende des siècles*—Victor Hugo:

«Le poète en jours impies
Vient préparer des jours meilleurs.
Il est l'homme des utopies;
Les pieds ici, les yeux ailleurs.
C'est lui qui sur toutes les têtes,
En tout temps, pareil au prophète,
Dans sa main, où tout peut tenir,
Doit, qu'on l'insulte, ou qu'on le loue,
Comme une torche, qu'il secoue,
Faire flamboyer l'avenir!»

Num admirável artigo sobre as *Meditações Poéticas* de Lamartine, Antero escreve, a propósito dos poetas, o que se segue: «Os grandes poetas são a voz da humanidade no período em que vivem: as tristezas e as alegrias, as paixões e inquietações da actualidade acham nêles um instrumento dócil, cujas cordas êles fazem vibrar em tons maviosos, donde resulta harmonia expressiva dos pensamentos, que são a sua origem».

Na realidade o poeta de eleição deve ser o condutor supremo da humanidade, o «porta-voz» da alma humana, o seu melhor intérprete, «o soldado do Futuro», como diz Antero neste belo soneto, cujo título é: «A um Poeta».

Ouçâmo-lo:

«Tu, que dormes, espírito sereno,
Pôsto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para fugir do seio dêsse mares,
Um mundo novo espera só aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!»

E no final de outra poesia:

«...Poeta é quem tem fé, quem busca no futuro
A crença que lhe nega este presente impuro:
Não quem deixa cair a lira, não quem vai
Pedir ao desalento abrigo e amor de pai.
E' virtude sofrer, nunca perder a crença;
E' ter esperança tal, que a dôr mais crua vença:
E' não pedir seu prémio aos homens, mas a Deus,
E passar neste vale, o olhar fito nos céus...

Tal é tua missão—lutar! O sofrimento,
Ao pé do Eterno Bem, o que é mais que um momento?»

Porém, aí do poeta como Antero, que foi dentro de si, até ao fim da sua vida, um poeta triste: porque sentiu e viveu as universais tristezas e as universais dôres da humanidade.

Nasceu poeta... e os verdadeiros poetas são, como define Olavo Bilac, «estuários em que se vêm confundir as torrentes de idéas e de sentimentos que agitam as idades; são espelhos, em que se vêm reflectir e concentrar os feixes de raios ardentes em que se abrasa e consome o Ideal humano. E, como o mundo será sempre triste, porque a vida será sempre um mistério,—também os poetas serão sempre tristes, porque serão sempre os intérpretes desta grande e dolorosa dúvida humana, desta curiosidade insaciável, desta desesperadora 'gnorância do que somos e do que seremos»...

Da sua tristeza inata, confessa o poeta visionário e cismador:

«Recebi o batismo dos poetas,
E assentado entre as formas incompletas
Para sempre fiquei pálido e triste.»

Poeta das idéas e filósofo do sentimento, é a sua vida uma página tocante de uma grande alma nascida para amar o próximo e lutar pela felicidade de tódas as gentes e de todos os povos do mundo inteiro».

O seu amor é universalista: estendia-se até aos seres inferiores, às avezinhas, assemelhando-se assim êsse amor panteísta ao de Buda, de Pitágoras, de S. Francisco d'Assis, de Leonardo de Vinci, de Amiel...

Por isso, quem estudar a sua vida, mesmo à luz das modernas teorias psico-analíticas, será levado a reconhecer imediatamente que o perfil psicológico dêle tem, sob vários aspectos, estreitas afinidades com o de muitos santos e místicos.

Espírito sempre atento ao desenrolar dos acontecimentos históricos e pronto a compreender e a aceitar, emotivamente, as inquietações da humanidade pensadora; coração exclusivamente votada à prática dos grandes actos de generosidade e de altruísmo, amando e perdoando; alma comunicativa a irradiar sempre bondade e sempre ternura; de uma cocrência absoluta, até na morte,—Antero foi, na frase de Augusto Rocha, «a mais bela encarnação lógica, que houve entre nós na segunda metade do século».

Não conhecemos até na história dos grandes homens uma figura tão original e tão delicada como o nosso Poeta—